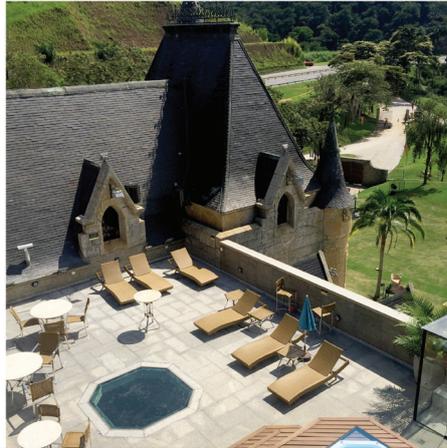


PRÁTICAS DA
HISTÓRIA

JOURNAL ON THEORY, HISTORIOGRAPHY,
AND USES OF THE PAST

N.º 10 - 2020



Do orientalismo de António Lopes
Mendes nos escritos sobre *O*
Oriente e a America...

Ana Paula Menino Avelar

Práticas da História, n.º 10 (2020): 113-135

www.praticasdahistoria.pt

Ana Paula Menino Avelar

Do orientalismo de António Lopes Mendes nos escritos sobre *O Oriente e a America...*

A escrita de António Lopes Mendes (1835-1894) revela como, no nosso século XIX, se vivenciou o orientalismo em Portugal. É tendo em atenção o modo como foi entendido o conceito de império e percecionada a sua evolução que se devem ler os seus textos, seja *A Índia Portuguesa: breve descrição das possessões portuguesas na Ásia*, o qual foi pela primeira vez publicado em Lisboa em 1886, sejam os escritos vários que rege sobre a América, muito em particular sobre o Brasil. Foi exatamente quatro anos depois da saída da sua *Índia Portuguesa* que Lopes Mendes publicou na mesma editora (Imprensa Nacional) o seu *O Oriente e a America: Apontamentos sobre os Usos e Costumes dos Povos da Índia Portuguesa Comparados com os do Brazil*. Estas narrativas são o nóculo da sua análise. Parte-se do conceito multissecular de memória imperial, atendendo tanto ao modo como Lopes Mendes o concebe no contexto alargado do seu tempo e como manipula as suas etno e ideo-paisagens nos espaços imperiais que descreve.

Palavras-chave: Orientalismo, estudos coloniais, historiografia, memória.

On orientalism in António Lopes Mendes' writings about *O Oriente e a America...*

The writings of António Lopes Mendes (1835-1894) reveal how Portuguese orientalism was experienced during the nineteenth century. His texts – from *A Índia Portuguesa: breve descrição das possessões portuguesas na Ásia*, first published in Lisbon in 1886, to his various writings about America and especially Brazil – should be read having in mind the ways the concept of empire and its evolution were understood. Exactly four years after the release of *Índia Portuguesa*, Lopes Mendes issued in the same publisher (Imprensa Nacional) his work *O Oriente e a America: Apontamentos sobre os Usos e Costumes dos Povos da Índia Portuguesa Comparados com os do Brazil*. This narrative is the connecting link of his views. We examine the century-old concept of imperial memory in the light of Lopes Mendes' ways of conceiving it in the context of his time and manipulating the ethno and ideo-landscapes in the imperial spaces he describes. Keywords: Orientalism, studies, historiography, memory.

Do orientalismo de António Lopes Mendes nos escritos sobre *O Oriente e a America...*

Ana Paula Menino Avelar*

Ao analisar como o orientalismo fluiu em alguns dos escritos de António Lopes Mendes sobre *O Oriente e a America...*¹, ter-se-á em atenção, como se entende esta área de estudos num tempo longo e se interconectam os modos de conceber a H(h)istória e a Memória nesses mesmos textos. É certo que “[...] «Orientalism» has been a buzzword since Edward Said’s eponymous book of 1978. Critics have pointed out that Said’s «Orient» is focused on the Arab world and excludes most of what Westerns mean by the word...”², negligenciando-se: “most of what meant by Asia and more than half of humankind”³.

Em contrapartida, o termo “[...] «Orientalism» also has many other connotations, for example, in the context of «oriental» styles in garden, architecture and painting”⁴. Contudo, a nossa inscrição parte da matriz saidiana⁵, entendida como expressão e representação cultural e ideológica suportada por instituições, vocabulário, imaginários, esti-

* Ana Paula Menino Avelar (ana.avelar@uab.pt). Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Av. de Berna, 26 C, 1069-061, Lisboa, Portugal.

1 Esta análise insere-se na investigação desenvolvida ao longo dos últimos anos sobre o Orientalismo em Portugal e a representação imperial num tempo longo. Parte desta investigação decorreu sob a chancela do projeto “Textos e Contextos do Orientalismo Português – Congressos Internacionais de Orientalistas (1873-1973)”, financiado pela FCT, e que foi acolhido pelo Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa. António Lopes Mendes é igualmente objeto de reedição, na coleção que dirijo na Imprensa Nacional-Casa da Moeda sobre itinerários portugueses.

2 Urs App, *The Birth of Orientalism* (Filadélfia: University of Pennsylvania, 2010), X.

3 *Ibidem*.

4 *Ibidem*.

5 Cf. Edward Said, *Orientalism* (Nova Iorque: Vintage Books, 1994), 2.

los... participante da construção imperial plurissecular, não se circunscrevendo aos espaços de institucionalização permanente dos projetos coloniais.

Ao longo das últimas décadas têm-se desenvolvido vários estudos em torno do modo como o Orientalismo foi rececionado em Portugal, sinalizando-se evoluções, esboçando-se diferentes gramáticas conceituais⁶. O primeiro momento de sistematização reflexiva em torno deste objeto, que tomou como tópico *O Orientalismo em Portugal (séculos XVI-XX)*, foi coordenado cientificamente por António Hespanha⁷ e consubstanciou-se numa exposição e no respetivo catálogo. Neste último surge toda uma série de textos que sinalizam vertentes analíticas, que foram sendo antes e posteriormente exploradas seja em estudos monográficos seja em artigos, expressando intensos diálogos com as reflexões que ocorreram e ocorrem nos círculos académicos. Paralelamente, e ampliando-se diferentes percursos investigativos, surgiu um número crescente de teses e dissertações que no âmbito dos estudos culturais, literários, comparatistas, filosóficos, sociológicos, antropológicos, artísticos... foram explorando temáticas e autores. Paralelamente formaram-se grupos de investigação, que de uma forma continuada e consistente têm produzido investigação nesta área de

6 Veja-se a título de exemplo autores que, pelas suas diferentes vertentes de abordagem, importa aqui sinalizar: Ângela Barreto Xavier e Ines Zupanov, *Catholic Orientalism. Portuguese Empire, Indian Knowledge: 16th-18th Centuries* (Nova Deli: Oxford University Press, 2014); Eva-Maria von Kemnitz e o seu texto “Em Portugal – O Orientalismo em fragmentos”, *Revista de Estudios Internacionales Mediterráneos* 21 (2016): 13-25; Rosa Maria Perez, “O Orientalismo dos orientais. Trânsitos, consensos, contradições”, in *ACT 27 – Goa Portuguesa e Pós-Colonial: Literatura, Cultura e Sociedade*, ed. Everton Machado e Duarte Braga (Lisboa: Húmus, 2014), 39-59; Filipa Lowndes Vicente, *Outros Orientalismos – a Índia entre Florença e Bombaim 1860-1990* (Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2010) ou ainda os textos sobre a figura de Gerson da Cunha “Orientalismos periféricos? O historiador goês José Gerson da Cunha (Bombaim, 1878)”, *Ler História* 58 (2010): 27-46; “In and out of history: how a Goan scholar in Bombay imagined a colonial Indian past and a future independent India (1870-1900)”, in *Changing Societies: Legacies and Challenges. Vol. 1. Ambiguous Inclusions: Inside Out, Inside In*, ed. Sofia Aboim, Paulo Granjo e Alice Ramos (Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2018), 263-300. Atente-se igualmente no trabalho de investigadores como Ana Paula Laborinho, Catarina Nunes, Duarte Braga, Everton Machado, Marta Pacheco Pinto, Serafina Martins, entre outros, os quais têm desenvolvido investigações várias em torno deste mesmo tópico. Relativamente a estes últimos autores cf. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/5401>.

7 António Manuel Hespanha, “O Orientalismo em Portugal (séculos XVI-XX)”, in *O Orientalismo em Portugal* (Lisboa: Edições Inapa, 1999), 15-45.

estudos⁸, e estabeleceram-se redes internacionais que de um modo privilegiado possibilitaram o aprofundamento do debate em torno dos espaços de irradiação, introduzindo-se novas aproximações como a oferecida pelo conceito de “orientalismos periféricos”⁹.

Face à interrogação que muitas vezes se coloca relativamente à pertinência destes estudos e à sua evolução¹⁰ subscrevo Zoltán Biedermann quando afirma que: “[...] it would be premature to declare the death of the debate on European constructions of Asia in the context of imperial expansion. There is still much to be said about how Europeans depicted and imagined distant cultures in the early modern period, especially if new materials are studied and theories allowed to evolve”¹¹.

Assim, e a partir da aplicação de diferentes instrumentos analítico-conceptuais, entre os quais se destacam as ideo e as etno-paisagens, propõe-se uma macroleitura dos relatos de António Lopes Mendes enquanto oxímoros evocadores de uma desterritorialização, de uma intercomunicabilidade entre fronteiras geográfico-políticas nas quais o Oriente se intui como espaço indefinido geograficamente, e que, neste contexto, deverá ser lido enquanto *Índia Portuguesa* e a América como *Brasil*.

8 Cf. Projetos como: *Dicionário de Orientalistas de Língua Portuguesa – Projeto do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura CECC* ou a linha de investigação Orion – Portuguese Orientalism <http://cec.lettras.ulisboa.pt/en/research-groups/locus/orion-portuguese-orientalism/>. Neste espaço é possível aceder à mais recente investigação em torno do tópico e a diferentes projetos de investigação. Refira-se a este propósito as bases de dados disponibilizadas neste mesmo âmbito.

9 Veja-se a título de exemplo a breve síntese elaborada por Maria Cardeira da Silva no artigo assinalado na bibliografia, ou ainda o projeto coordenado por Everton Machado para o Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa intitulado “The Portuguese Representations of India: Power and Knowledge in a Peripheral Orientalism (XIX and XX centuries)”, e a respectiva database.

10 “Four decades into the publication of *Orientalism*, discussions about the pertinence of Edward Said’s arguments have become somewhat predictable: against those who point, sometimes disingenuously, to the shortcomings of the theory, its apologists often hold up the more abstract principles that allowed Orientalism to flourish historically in the first place. All knowledge, we are reminded quite rightly, is inherently political. But then again, once a theory becomes dogmatic, it easily loses its power to drive epistemic renewal. Some may be tempted, in such a context, to turn to non-representational approaches, studying artefacts from the past by asking questions about embodiment, performativity, print culture, and other aspects related to social and economic praxis. Is the Orientalism debate, then, doomed to expire as new subfields gain traction and move towards ignoring the politics of representation altogether?” Zoltán Biedermann, “Querying the Origins of Orientalism: Recent Approaches to the History of Representations”, *Ler História* 74 (2019): 261.

11 *Ibidem*, 262.

Na obra de António Lopes Mendes *O Oriente e a America: Aparentamentos sobre os Usos e Costumes dos Povos da India Portuguesa comparados com os do Brazil* (1892) confrontam-se duas realidades observadas pelo autor, ainda que não se plasme na sua escrita o *sentir* da historiografia brasileira coeva sobre a colonização portuguesa. Esta era, ao tempo, uma questão central no pensamento de historiadores e intelectuais brasileiros. Estes *intérpretes* “[...] da vida política, social, cultural e econômica da colônia, todos, a seu modo, viram no passado colonial uma espécie de ‘ovo de serpente’, ovo que, posto contra luz, permitia antever através de sua casca, com mais e mais nitidez, o império independente que nasceria em 1822”¹².

Esta visão de uma história do Brasil colonial traçada em busca de rumo “[...] (o estado positivo, a tomada de consciência, a civilização, o reencontro com o espírito humano...) crença tão ao gosto das filosofias da história do Oitocentos [...]”¹³ renovar-se-ia através de uma reflexão “lusotropicalista”, que também procurava dar sentido à colonização portuguesa do Brasil. Este debate centrar-se-ia na questão em torno do papel catalisador e inovador da mestiçagem e da sua singularidade¹⁴ no contexto da construção imperial portuguesa. Como assinala Everton Machado: “Não deixa de ser curioso que Gilberto Freyre tenha utilizado pela primeira vez o termo «lusotropical» numa conferência, justamente em Goa, em 1951, onde teria constatado uma homogeneidade cultural entre o Brasil e os outros territórios de língua portuguesa do Ultramar [...]”¹⁵.

12 Jean Marcel Carvalho França, “Os sentidos da colonização”, in *Questões que incomodam o historiador*, org. Susani Silveira Lemos França (São Paulo: Alameda, 2013), 95.

13 *Ibidem*, p. 100.

14 Refiro de imediato Gilberto Freyre: “Vencedores no sentido militar e técnico sobre as populações indígenas: dominadores absolutos dos negros importados de África para o duro trabalho da bagaceira, os europeus e seus descendentes tiveram, entretanto, de transigir com índios e africanos quanto às relações genéticas e sociais. A escassez de mulheres brancas criou zonas de confraternização entre vencedores e vencidos, entre senhores e escravos. Sem deixarem de ser relações — as dos brancos com as mulheres de cor — de ‘superiores’ com ‘inferiores’ e, no maior número de casos, com senhores desabusados e sádicos com escravas passivas, adoçaram-se, entretanto, com a necessidade experimentada por muitos colonos de constituírem família dentro dessas circunstâncias e sobre essa base. A miscigenação que largamente se praticou aqui [leia-se Brasil] corrigiu a distância social que doutro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropical; entre a casa-grande e a senzala.” Gilberto Freyre, *Casa-grande e senzala...* (Pernambuco: Fundação Gilberto Freyre, 2003), 33.

15 Cf. Everton V. Machado. *O Orientalismo português e as Jornadas de Tomás Ribeiro: Caracterização de um problema* (Lisboa: BNP/Centro de Estudos Comparatistas, 2018), 156.

O contacto interétnico e intercultural nos espaços tropicais decorreria da construção do próprio reino de Portugal, onde estes dois fatores teriam estado presentes¹⁶. Saliente-se o facto de António Lopes Mendes constatar como: “Os cruzamentos modernos no Brazil tomaram diversas denominações consoante os troncos dos progenitores. O indio e o branco produziram uma raça mestiça, excellente pela sua energia, coragem, sobriedade, espirito de iniciativa, constancia e resignação em soffrer trabalhos e provações como a raça semitica [...]. O cruzamento do indio com o negro deu em resultado uma famosa raça mestiça, de côr de azeitonada, cabellos corredios, intelligente, com quasi todas as qualidades e defeitos da precedente[...]¹⁷”.

A par de uma minuciosa descrição da tipologia anatômica¹⁸, Lopes Mendes refere a permanência de uma *interculturalidade linguística* como espaço de construção de uma *identidade partilhada*: “Assim como muitos séculos depois de haverem passado os povos que fallaram o sanscrito e o quichúa, se encontram nesta ultima lingua os vestigios d’aquella familia; assim tambem d’aqui a dois mil annos, quando já não houver no sangue dos habitantes brasileiros a mais leve apparencia d’essa raça indigena, que ainda hoje predomina talvez em uma quinta parte do solo das *Terras de Santa Cruz*, ahi estarão na lingua por elles modificada os immortaes vestigios de sua coexistencia e communhão com os portuguezes¹⁹”.

Por outro lado, importa ter em atenção que tal como Lurdes Rosa defendeu relativamente à “descolonização” dos estudos medie-

16 Veja-se a obra de Gilberto Freyre *Brazil: an interpretation* e o seu primeiro capítulo, intitulado “European Background”. Cf. Gilberto Freyre, *Brazil: an interpretation* (Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1945), 1-34.

17 António Lopes Mendes, *O Oriente e a America: Apontamentos sobre os usos e costumes dos povos da India Portuguesa comparados com os do Brazil* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1892), 118.

18 “Os caracteres physicos, que subsistem da raça indigena n’estes dois mestiçamentos, são: a cabeça, que conserva depressão da testa, e a estrutura approximando-se da do indio; a vello-sidade da fronte, estendendo-se em angulos salientes, as orbitas e o malar salientes, o diametro transversal dos angulos posteriores do maxillar inferior quasi igual ao diametro parietal do craneo; o cabelo corredio e extremamente negro; a barba preta e mui rara. No corpo, a solida e vasta estrutura do tronco, a largura das espaldas em contraste com o pouco desenvolvimento da bacia, a energia da musculatura e a delicadeza das extremidades, são traços que ressaltam logo à vista do observador.” *Ibidem*, 118-19.

19 *Ibidem*, p. 119.

vais²⁰, também no caso do estudo do Orientalismo em Portugal, entendido num arco temporal que se iniciou no século XVI e se prolonga até ao século XXI, deve-se tomar como postura epistémica este propósito de alargamento das suas geografias analíticas. Ao fazer o “estado de arte”, Lurdes Rosa sinaliza nomeadamente a necessidade de se reequacionar o que designa como “passado medieval”²¹, visto o mesmo estar intrinsecamente ligado ao expansionismo colonial europeu, ou à revisão das etapas temporais do medievalismo. Igualmente a aplicabilidade de uma analítica gramática conceptual oferecida pelos estudos pós-coloniais permite *outras*, adequadas e sincréticas, abordagens ao objeto de estudo.

É certo que a aliança entre medievalismo e orientalismo já tinha sido seminalmente tocada por Edward Said²², revisitando-se teoricamente um tempo histórico, um espaço, as suas ambiências e receções. Como, aliás, John Ganim assinala: “The past is another country. [...] that aphorism turns out to be literally true of attitudes toward one specific component of the European past, the Middle Ages. Usually imagined as the point of origin of national identities (and just as often as a model of a pan-European unity), the medieval past is also, often simultaneously, described as a result of foreign incursion, of alien influence, of disruption in what should be the natural movement of history”²³.

Tanto medievalismo como orientalismo comungam de uma híbrida identidade, tanto espacial como temporalmente, devendo-se atender aos modos como vão sendo estudados num tempo longo, pois: “[...] heterogeneous and contestatory Middle Ages – before European hegemony, before nation-states and before national vernaculars – challenge us to put into practice our avowed critical desire to see beyond the binary to encounter an «Other» whose alterity may reside precisely in

20 Maria de Lurdes Rosa, *Fazer e Pensar a História Hoje: Guia de Estudo, Investigação e Docência*, (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017), 124.

21 Cf. *Ibidem*, 133-37.

22 Cf. Lucy Pick, “Edward Said, Orientalism and the Middle Ages.” *Medieval Encounters* 5 (1999): 266. Neste texto a autora sintetiza o percurso de Said relativamente a este tópico.

23 J. Ganim, *Medievalism and Orientalism: Three essays on literature, architecture and cultural identity*. (Nova Iorque: Palgrave, 2008), 3.

its different conception of difference. Such historical work gives texture to our understating of what *Orientalism* has taught us: that «Europe» and «West» are not geographical entities given in advance, but ideological constructs with their own deeply complicated histories of conquest, colonisation, and acculturation”²⁴.

Assim, e sequenciando esta perspetiva hermenêutica de “descolonização/*desprovincialização*” no campo teórico, insculpo a minha abordagem no que considero ser um tempo longo, em que o século XVI se consubstancia como espaço matricial de um orientalismo em Portugal e se institui como um oxímoro, nomeadamente no seu modo de pensar, não sendo unicamente um processo de estilo²⁵.

Registo as palavras de Claude-Gilbert Dubois, quando considera que no século XVI o passado apela ao futuro (daí o uso do termo oxímoro), colocando a questão de se saber se os dois termos, presente e passado, se neutralizam ou se consolidam. Relativamente a este último aspeto, defendo que se assiste a uma clara consolidação do presente e do passado através de um entretecido jogo de espelhos. Como o próprio Dubois reconhece: “L’usage du passé, qui est l’exploitation d’une culture héritée, n’entraîne pas de régression passéiste; il est au contraire poussé vers l’avenir en le remettant au présent [...]”²⁶.

É, exatamente, esta abordagem que consideramos ser como que o uso oxímoro que se plasma em António Lopes Mendes como, aliás, acontece frequentemente no nosso orientalismo. Este ocorre no contexto evocador de uma História da presença portuguesa nos espaços extraeuropeus e participa numa dupla dimensão: a histórica e a memorativa²⁷. O espaço temporal em que se move revisita a dupla pontualidade e precisão iminentemente renascentista que, no caso do nosso orientalismo,

24 Sharon Kinoshita. “Deprovincializing the Middle Ages”, in *The Worlding Project: Doing Cultural Studies in the Era of Globalization*, ed. Christopher Leigh Connery and Rob Wilson (Berkeley, Ca: North Atlantic Books, 2007), 89.

25 Ana Paula Avelar, “Orientalismo em Portugal: Demandas e Sistematizações”, *Textos e Pretextos* 11 (Outono/Inverno 2011): 104.

26 Claude-Gilbert Dubois, *Le bel aujourd’hui de la Renaissance. Que reste-t-il du XVIe siècle?* (Paris: Editions du Seuil, 2001), 12.

27 Cf. Avelar, “Orientalismo em Portugal: Demandas e Sistematizações”, 104.

é a do nosso século XVI. Essa dupla pontualidade consubstancializa-se em: “[...] celle de l’instant présent, auquel sont suspendues toutes les représentations du passé et du future, de la mémoire et du désir, sorte de racine accrochée au réel qui vivifie la fantasmagorie des temps imaginaires, et celle de l’individu – le plus irremplaçable des êtres – car l’intuition de l’instant, si elle est une expérience traduisible, n’est pas transmissible, par sa situation existentielle de subjectivité”²⁸.

Este tempo longo integra a construção e evolução do império português, relativamente ao qual nos deparamos com uma desterritorialização, uma intercomunicabilidade entre fronteiras geográfico-políticas, compreendendo-se os processos económicos, sociais, políticos e culturais como cosmos de redes e fluxos...²⁹ Epítome espetacular de tal exercício é a última obra, de maior fôlego, de Lopes Mendes³⁰, *O Oriente e a America: Apontamentos sobre os Usos e Costumes dos Povos da India Portuguesa Comparados com os do Brazil* (1892), que sai cerca de seis anos depois de *A India Portuguesa: breve descrição das possessões portuguesas na Ásia* (1886).

Ela resulta dos trabalhos que o nosso autor desenvolveu para a X sessão do *Congresso Internacional dos Orientalistas*, previsto para o fim de 1892 em Lisboa. Lopes Mendes afirma no seu *O Oriente e a America* não ter tempo para elaborar seja um estudo social, seja apresentar a solução para um problema científico pelo que preparou um: “[...] ligeiro resumo das impressões recebidas durante as minhas viagens na Índia e na America do Sul, onde não pude mais que colligir, sem aperfeiçoar, as observações traçadas apressadamente nas páginas do meu Diário”³¹. Este é um trabalho que o autor considera ser o ponto de partida para outros estudos.

O seu texto inicia-se pela referência aos autóctones, tratando de imediato da descoberta da Índia Oriental, centrando-se, de seguida, em

28 Cf. Dubois, Claude-Gilbert. *L’imaginaire de la Renaissance* (Paris: PUF, 1985), 140.

29 Cf. Avelar, “Orientalismo em Portugal: Demandas e Sistematizações”, 104.

30 Sobre o autor Cf. Ana Paula Avelar, “António Lopes Mendes”, in *A Participação Portuguesa nos Congressos Internacionais de Orientalistas (1873-1973) – Textos e Contextos*, ed. Marta Pacheco Pinto (Lisboa: Húmus, 2019), 354-62.

31 António Lopes Mendes, *O Oriente e a America: Apontamentos sobre os usos e costumes dos povos da India Portuguesa comparados com os do Brazil* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1892).

Goa, identificada como a capital da Índia Portuguesa. Lopes Mendes dedica uma outra secção a Portugal e colónias, sendo que a América é, de imediato, narrada através da secção dedicada à Descoberta do Brasil. O seu trabalho encerra-se com o capítulo dedicado aos luso-brasileiros e hispano-americanos, no qual o autor expõe a sua observação do presente, sob a lente de um idealizado passado³². O nódulo matricial desse passado é o da memória de um império.

Ao analisar como esta memória de um império é revisitada e se conforma à representação do presente em Lopes Mendes, tomo a problematização de Paul Ricoeur em torno da memória pessoal e da memória coletiva, assumindo que na desocultação do diálogo entre estas duas memórias a História oferece chaves de leitura: “[...] Ce n’est pas avec la seule hypothèse de la polarité entre mémoire individuelle et mémoire collective qu’il faut entrer dans le champs de l’histoire, mais avec celle d’une triple attribution de la mémoire: à soi, aux proches, aux autres”³³. Este é o solo conceptual que configura a leitura do orientalismo em António Lopes Mendes e nos seus escritos sobre *O Oriente e a America...* Entendo-os, como já foi anteriormente sinalizado, como oxímoros representativos de uma desterritorialização, de uma intercunicabilidade entre fronteiras geográfico-políticas: o Oriente, espaço indefinido geograficamente³⁴ e que deverá ser lido como Índia Portuguesa, e a América, corporizada no Brasil.

Por outro lado, atente-se no facto de Lopes Mendes encerrar a sua secção sobre a descoberta da Índia Oriental com a contraposição entre o império oriental, sinónimo/“evocação” de Índia Oriental ou ainda Índia Portuguesa, e o império Ocidental, sinónimo/“evocação” de Brasil: “Mais duas gerações de homens iguaes aos Gamas, Almeidas, Albuquerque, Pachecos e Castros e o nosso imperio Oriental teria ficado inabalável, como ficou o imperio Occidental que fundámos na América do sul. Este imperio, hoje *Republica dos Estados Unidos do*

32 Cf. Mendes, *O Oriente e a America*, 126.

33 Paul Ricoeur, *La mémoire, l’histoire, l’oubli* (Paris: Éditions du Seuil, 2000), 163.

34 O autor não utiliza a designação geográfica Ásia.

Brazil, tem sido e será o continuador da nossa existencia historica no Novo Mundo”³⁵.

Como Paul Ricoeur lucidamente enuncia, uma hermenêutica da condição histórica implica necessariamente três condições: a crítica atenta aos limites do conhecimento histórico, os quais, por vezes, transgridem a *hubris* do saber; as suas modalidades temporais e o esquecimento³⁶. António Lopes Mendes vivencia e expõe essa condição histórica, através da intervenção pública e ativa no exercício de um poder imperial/colonial.

Assinale-se que se toma o conceito de império como uma unidade política extensa, multiétnica ou multinacional, geralmente criada através da conquista e que se organiza tendo um centro dominante e uma periferia ou multiperiferias subordinadas. Já o conceito de colonialismo é entendido como algo mais específico e estritamente político, onde assistimos à coexistência de sistemas de governo de um grupo sobre outro, reivindicando o primeiro o direito, por vezes atingido através da conquista, de exercer a soberania e de moldar, determinando os destinos³⁷. Saliente-se que António Lopes Mendes fez parte do aparelho governativo do império colonial português³⁸.

Após a obtenção do diploma como médico-veterinário ele exerceu a sua profissão em Portugal continental, ocupando, a partir de 1862, as funções de veterinário-lavrador no Estado da Índia. No ano seguin-

35 Mendes, *O Oriente e a America*, 8.

36 Cf. Ana Paula Avelar, “Tradition and modernity in the memory of an empire: The writing of A. Lopes Mendes”, in *Modernity, Frontiers and Revolutions*, ed. Maria do Rosário Monteiro e Mário S. Ming Kong (Londres: Taylor & Francis Group, 2019), 387-92.

37 Stephen Howe, *Empire: A Very Short Introduction* (Oxford: Oxford University Press, 2002), 30-31.

38 Cf. Avelar, “António Lopes Mendes”, 355. Nesta entrada elabora-se uma resenha biográfica do autor aqui analisado. Logo em 1886 saiu uma breve síntese biográfica da autoria de Pinho Leal, que conhecera Lopes Mendes quando era jornalista no *Commercio Portuguez*. É este mesmo autor que afirma que em agosto de 1881 acompanhara Lopes Mendes na sua expedição à serra da Estrela: “Foi ali que nos relacionamos com o sr. Lopes Mendes e que tivemos ocasião de ver e admirar o seu primoroso lápis, desenhando com a maior facilidade e fidelidade as villas de Manteigas, Ceia e Gouveia, os Cântaros, as lagoas, o acampamento, as Furnas da Estrela, etc”. Cf. Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal. *Portugal Antigo e Moderno...*, vol. 11 (Lisboa; Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1886), 1033. Foi igualmente redigida uma biografia pelo colega Augusto César da Silva Mattos. *Movimento Geographico em Portugal e Antonio Lopes Mendes apontamentos biográficos* (Lisboa: Lallement Frères, 1882).

te, integrou a comissão que tinha como missão o estudo das florestas nacionais da então Índia Portuguesa, aí ficando entre finais de 1862 e 1871. Lopes Mendes ocupou, então, vários cargos ao serviço do governo português, desenhando plantas e cartas topográficas³⁹.

Só alguns breves dados. Em fevereiro de 1865, Lopes Mendes foi nomeado vogal na comissão encarregada de coligir e coordenar os produtos agrícolas e industriais a serem enviados para a Exposição Internacional de Paris. Em março do mesmo ano, o nosso autor integrou, também na condição de vogal, a comissão incumbida da demarcação dos terrenos de Satary que tinham sido arrendados a colonos estrangeiros e ainda em 1865, mas no mês de dezembro, recebeu o processo de aforamento requerido, entre outros, por Diogo Bernardo de Saldanha com o fito de prestar informações relativas à concessão do terreno, situado em Massaim de Bardez, para construção de casas.

Lopes Mendes foi ainda procurador da Junta Geral do Distrito pela 4.^a divisão das Novas Conquistas e posteriormente desempenhou os cargos de presidente do município na capital do Estado, vogal substituto do conselho do governo, etc. Além das comissões mencionadas, o nosso autor desempenharia outras funções. Ele procedeu igualmente ao levantamento, delimitação e desenho de plantas topográficas das doze aldeias de Satary, e coordenou a carta topográfica da mesma província, que ofereceu ao então Governador-geral conselheiro José Ferreira Pestana⁴⁰. Durante os anos de 1862 e 1871 publicou vários artigos e desenhos em diferentes publicações, como o *Archivo Rural* (Lisboa), *Archivo Pittoresco* (Lisboa), *As Colónias Portuguesas* (Lisboa), *A Harmonia – Jornal Político, Literário e Comercial* (Nova Goa), *Cronista de Tissuary Almanaque Literário* (Nova Goa)⁴¹, *Ilustração Goana* (Nova Goa)⁴², ou ainda *Le Brésil* (Paris). Já em 1883, o seu amigo e

39 Cf. tabela 1 na qual se registam os locais de publicação das obras e dos registos cartográficos de António Lopes Mendes. Esta mesma classificação foi já anteriormente publicada em língua inglesa. Cf. Avelar, “Tradition and modernity” 388-89.

40 Cf. Avelar, “António Lopes Mendes”, 355.

41 Cf. Ana Cristina Kerbauy, *Ilustração Goana e Minerva Brasiliense: a sedimentação do romantismo em Goa e no Brasil* (São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008), 52.

42 Cf. Joana Passos, *Literatura Goesa em Português nos Séculos XIX e XX: Perspetivas pós-coloniais e revisão crítica* (Vila Nova de Famalicão: Húmus/Universidade do Minho, 2012), 88.

correspondente Augusto César da Silva Mattos publicou as cartas que Lopes Mendes lhe enviara do Brasil na revista *O Occidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro*⁴³.

Ao longo da sua vida, Lopes Mendes compulsou toda uma série de dados de que se serviu, nomeadamente, para escrever a sua *Índia Portuguesa* (1886) e o seu *Oriente e a America...* (1892). Apesar do desenho fazer parte integrante das suas obras, Lopes Mendes não se serviu deste instrumento visual, seja nesta sua última obra, seja na que escreveu anteriormente, em 1864, intitulada *Apontamentos sobre a Provincia de Satary do Estado da India Portuguesa*.

Ao regressar a Portugal, e depois de uma visita ao Bussaco, Lopes Mendes colaborou com o seu amigo Augusto César da Silva Mattos numa obra sobre esta região⁴⁴. Nesta surgem uma planta e os seus desenhos de paisagens relativos a esta região. Tanto nas palavras que escreve na introdução como nalguns dos esquissos que são então publicados fluem já as suas ideo-paisagens orientalistas. Atente-se no facto de que tomo o conceito de paisagem como a observação que se constitui como discurso através do qual os grupos sociais se foram historicamente diferenciando, interagindo com a natureza e entre si⁴⁵. Os “mundos imaginados” participam deste conceito de paisagem⁴⁶. Paralelamente constitui-se a ideo-paisagem, enquanto o espaço onde o “eu” autoral é ator dominante do discurso e onde, para além das narrativas sobre o “outro”, se projetam representações ideais da realidade. Nesta sua obra sobre o Bussaco, Lopes Mendes antecipa a sua ideo-paisagem orientalista, seja através dos esquissos que elabora, seja através do que afirma

43 Cf. Maria Inez Turazzi, “Os estudos comparativos e os desenhos ‘imparciais e singelos’ de Antonio Lopes Mendes no Brasil (1882-1883)”, *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* 9, n.º 2 (2014): 361-82.

44 Recorde-se que este seu amigo publicaria, para além da já referida resenha biográfica sobre A. Lopes Mendes (cf. nota 40), uma coluna na revista *O Occidente* na qual surgiriam desenhos de Lopes Mendes, para além de cartas que este teria endereçado a Silva Mattos. Cf. Elsa Pacheco *et al.* “Um *story map* da viagem de Lopes Mendes à Amazônia em 1882/83”. *Revista de Educação Geográfica/UP* 3 (2018): 94.

45 Este conceito decorre do exposto no artigo 1.º da Convenção Europeia da Paisagem, do ano 2000. Cf. <https://rm.coe.int/16802f3fb7>.

46 Cf. Arjun Appadurai, *Modernity at Large. Cultural Dimensions of Globalization* (Minnesota: University of Minnesota, 1996), 33.

na sua introdução: “Quando, no meu regresso da Índia, entrei pela primeira vez, em 3 de setembro de 1871, na matta do Bussaco, indo visitar ali o meu presadissimo e antigo amigo, o Ex.mo sr. conselheiro Rodrigo de Moraes Soares, costumado, como vinha à contemplação das opulencias florestaes d’aquellas regiões, em que a exuberancia da vida vegetal é tão prodiga em manifestações; tão surprehendido e maravilhado me senti que cheguei quasi a imaginar-me transportado por encanto a uma d’essas magestosas *raens*, ou florestas virgens consagradas na Índia à divindade. Aqui, assim como lá, também a natureza se ostenta garbosa e arrebatadora, tanto no alcantilado da montanha, como no porte e vigor do arvoredado e na abundância purissima das fontes”⁴⁷.

Ao desenhar a fonte fria em terras do Bussaco (1874), Lopes Mendes antecipa o modo como, na sua *Índia Portuguesa*, regista a água cristalina e fresca da, como escreve, esplêndida Fonte Fenix do outeiro de Pangim. Nas suas ideo-paisagens plasma-se, como já anteriormente foi referido, um “eu” autoral, que se consubstancia num ator dominante do discurso, desenhando-se narrativas sobre o “Outro”, onde se projetam representações ideais da realidade. Entrevê-se um orientalismo, oxímoro de uma desterritorialização, onde fronteiras geográfico-políticas intercomunicam, fluindo cosmos de redes e fluxos.

Mas sinalizem-se os últimos anos da sua biografia, pois os mesmos permitem-lhe escrever sobre o espaço da América do Sul, sobre aquele *seu* Império Ocidental⁴⁸. Entre outubro de 1882 e setembro do ano seguinte, Lopes Mendes permanece no Rio de Janeiro, percorrendo Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, viajando igualmente pela Amazónia. Ainda na América do Sul visitou o Uruguai, Argentina, Chile e Peru, não deixando de relatar estas suas experiências, seja num tom intimista, escrevendo aos seus amigos, seja redigindo

47 António Lopes Mendes e Augusto Silva Matos, *O Bussaco* (Lisboa: Lallemand Frères, Typ, 1874), xi.

48 Cf. Jorge Fernandes Alves e Elsa Pacheco, “Viagens aos lugares de destino da emigração no Brasil, segundo a América Austral de António Lopes Mendes (1882-1883)”, in *Emigración y literatura: historias, experiencias, sentimientos*, org. Julio Borges *et al.* (Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela), 47-81.

notas digressivas sobre as suas viagens. Frequentemente os seus textos⁴⁹ são acompanhados por desenhos, como os que conhecemos relativos às deambulações por terras brasileiras: “De facto, pela riqueza das descrições acompanhadas de esboços que retratam paisagens e espaços brasileiros com mais de um século, os trabalhos de António Lopes Mendes têm vindo a ser explorados por diversos autores, entre eles destacamos Geyer (1988), Turazzi (2014) e Alves e Pacheco (2015)”⁵⁰. Atente-se como, logo em 1882, Augusto César da Silva Mattos, ao elaborar a síntese biográfica de Lopes Mendes o enquadra no movimento geográfico em Portugal⁵¹, no qual a Sociedade de Geographia de Lisboa tinha um papel nuclear. É, aliás, esta sociedade que vai patrocinar seja a publicação da *Índia Portuguesa* de Lopes Mendes como algumas das expedições que este efetuou⁵². A partir de 1893, algumas das suas missivas foram publicadas no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, porém o seu falecimento, a 31 de janeiro de 1894, interrompeu esta publicitação das impressões de viagem.

Tome-se o conjunto das obras de Lopes Mendes e, de imediato, dever-se-á atender ao facto de, nos seus discursos, o orientalismo se plasmar através da conjugação de três fatores, isto é, através da definição da sua condição histórica, do recurso a uma fenomenologia da memória, enquadrada num movimento que transita da memória dada e exercida à memória ponderada, isto é, à memória de “si”, e por último, da atenção à epistemologia da história. Esta comporta a inquirição do testemunho, nas suas múltiplas formas, o uso da explicação e compreensão, e a representação historiográfica do passado⁵³.

Ao escrever, António Lopes Mendes representa o que aconteceu ou poderia acontecer, respondendo ao princípio de verosimilhança e de necessidade, elaborando um discurso híbrido, que assenta no registo da sua digressão pessoal. Paralelamente, a viagem/o percurso modela *um*

49 Cf. Turazzi, “Os estudos comparativos”, 361-82.

50 Cf. Pacheco *et al.* “Um *story map*”, 94.

51 Cf. nota 40.

52 Cf. Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal. *Portugal Antigo e Moderno...*11, 1031-1034.

53 Cf. Paul Ricoeur, *La mémoire, l'histoire, l'oubli*, ii.

mundo, que parte do conhecido, justapondo-se diferenças e contrastes, descrevendo-se os outros, os costumes... isto é, expondo as ambiências culturais. Se este processo é evidente na sua obra maior, *A Índia Portuguesa*, o mesmo constitui-se como constructo dos seus discursos coloniais, nomeadamente no seu *Oriente e America*.

Categorizo a sua extensa obra em três modalidades discursivas: o relatório, a *memória* biográfica e a *memória* descritiva. Todas elas visam a transmissão de informação iminentemente denotativa, isto é, inquire-se o testemunho, nas suas múltiplas formas, usa-se a explicação e compreensão, e representa-se historiograficamente o passado. Contudo, o sujeito intervém a níveis diferenciados: enquanto o relatório reporta e brevemente contextualiza factos, a *memória* biográfica e a *memória* descritiva seleccionam os dados segundo a impressão provocada pelo objeto no autor, isto é, enquadra-se a memória num movimento que transita da memória dada e exercida à memória ponderada. No primeiro caso segue-se um registo biográfico e no segundo o tema escolhido. Assim, Lopes Mendes teria redigido:

Tabela 1⁵⁴

Ano	Título	Descritor analítico
1863	<i>Informação acerca das matas e florestas da Índia, determinadas e coligidas em consequência das ordens do Governo</i> , in <i>Anais do Conselho Ultramarino</i> , Lisboa, Parte não oficial, 4. ^a série, p. 113-119	Relatório
1864	<i>Apontamentos sobre a Província de Satary do Estado da Índia Portuguesa</i> . Nova Goa: Imprensa Nacional	<i>M e m ó r i a</i> <i>descritiva</i>
1866	RODRIGUES, José Maria, e AREZ, Joaquim José Fernandes. <i>Relatório da comissão encarregada da demarcação dos terrenos da província de Satari</i> . 1. ^a . Nova Goa: Imprensa Nacional	Relatório
	RODRIGUES, J. M., e AREZ, J. J. F. <i>Relatório da comissão encarregada da demarcação dos terrenos da província de Satari</i> . 2. ^a . Nova Goa: Imp. Nac.	Relatório
	RODRIGUES, José Maria, e AREZ, J. J. F. <i>Relatório da comissão encarregada da demarcação dos terrenos da província de Satari</i> . 3. ^a . Nova Goa: Imp. Nac.	Relatório
	RODRIGUES, José Maria, e AREZ, J. J. F. <i>Relatório final da comissão encarregada da demarcação dos terrenos da província de Satari</i> . Nova Goa: Imp. Nac.	Relatório
	OLIVEIRA, José António, e XAVIER, Filipe Nery. <i>Relatório acompanhado da relação dos objectos enviados à Comissão Central de Lisboa, directora dos trabalhos preparatórios para a Exposição Universal de 1867 em Paris, pela Comissão do Estado da Índia Portuguesa</i> . Nova Goa: Imp. Nac. VI	Relatório

54 Tabela elaborada a partir da categorização definida no texto. Cf. nota 39.

1874	MATOS, Augusto C. da Silva. <i>O Bussaco</i> . Lisboa: Lallemand Frères (Fornecedores da Casa de Bragança)	<i>Memória descritiva</i>
1877	Estado de Goa. <i>Anais da Comissão Central Permanente de Geografia</i> , Lisboa, n.º 2, pp. 272-280, 1 mapa	<i>Memória descritiva</i>
1879	Cunha Rivara. <i>O Occidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro</i> , vol. II, n.º 31, 50-51.	<i>Memória biográfica</i>
1883	Cartas [e desenhos] de A. Lopes Mendes escritas da América Austral ao seu amigo Augusto Cesar da Silva Mattos [durante a sua visita ao Brasil], <i>O Occidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro</i> , n.º 146, 147, 149, 150, 156, 158, 159, 160, 161, 164, 166	<i>Memória descritiva</i>
1884	Apontamentos biográficos de D. Jorge Augusto de Melo; publicados no jornal <i>As colónias portuguesas</i> . Lisboa: Lallemand Frères	<i>Memória biográfica</i>
1886	<i>A Índia Portuguesa: breve descrição das possessões portuguesas na Ásia</i> . Lisboa: Imprensa Nacional (2 vols.)	<i>Memória descritiva</i>
1892	<i>O Oriente e a America: Apontamentos sobre os Usos e Costumes dos Povos da Índia Portuguesa Comparados com os do Brazil. Memória apresentada à X Sessão do Congresso Internacional dos Orientalistas</i> . Lisboa: Imprensa Nacional	<i>Memória descritiva</i>
1893	América Austral. Cartas escriptas da America nos annos de 1882 e 1883 (1.ª) <i>Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa</i> , 12.ª série, n.º 5-6, pp. 229-312 América Austral. Cartas escritas da América nos annos de 1882 e 1883 (1.ª), <i>Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa</i> , 12.ª série, n.º 9-10, pp. 377-455	<i>Memória descritiva</i> <i>Memória descritiva</i>
1894	América Austral. Cartas escritas da América nos annos de 1882 e 1883 (1.ª), <i>Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa</i> , 12.ª série, n.º 9-10, pp. 377-455 América Austral. Cartas escritas da América nos annos de 1882 e 1883 (2.ª), <i>Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa</i> , 13.ª série, n.º 4, pp. 201-290 América Austral. Cartas escritas da América nos annos de 1882 e 1883 (2.ª), <i>Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa</i> , 13.ª série, n.º 7, pp. 481-583 D. Joaquim [Augusto de Barros], bispo de Cabo Verde, <i>O Occidente: revista illustrada de Portugal e do estrangeiro</i> , v. 17, n.º 555, p. 123	<i>Memória descritiva</i> <i>Memória descritiva</i> <i>Memória descritiva</i> <i>Memória biográfica</i>
1896	América Austral. Cartas escritas da América nos annos de 1882 e 1883 (terceira parte), <i>Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa</i> , 15.ª série, n.º 5, pp. 265-328 América Austral. Cartas escritas da América nos annos de 1882 e 1883 (terceira parte), <i>Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa</i> , 15.ª série, n.º 8, pp. 491-568	<i>Memória descritiva</i> <i>Memória descritiva</i>

Verifica-se, assim, que a produção narrativa de António Lopes Mendes se centra, fundamentalmente, nas suas memórias descritivas, nas quais fluem, para além dos dados coligidos na observação do seu objeto discursivo, considerações diversas, que procuram representar um real vivenciado pelo autor⁵⁵. Ele usou diferentes tipos de registo, ainda que, nos primeiros anos, e devido à sua atividade profissional publique essencialmente relatórios, muitos dos quais em parceria. No entanto, a sua preferência são as memórias descritivas. O facto de ter vivido em dois espaços tão distintos como a Índia e o Brasil leva a que as suas obras visassem transmitir o que por si fora observado, funcionando a

55 Cf. Avelar, "Tradition and modernity", 388.

viagem como instrumento de descoberta e exposição de um domínio imperial/colonial.

Na produção narrativa de Lopes Mendes assiste-se a um certo equilíbrio na produção de textos sobre a Índia e sobre a América Austral, nomeadamente o Brasil, sendo, porém, significativo que a sua *Índia Portuguesa* surja em 1886, isto é, quando ele já se encontrava no Brasil. O comparatismo de António Lopes Mendes, para além de ser o constructo da sua reflexão, aliando organicamente a digressão narrativa e a representação visual dos espaços, tem o Oriente como matriz a partir da qual compara. O autor estabelece similitudes no diferente, no contraste de *exóticos* de um Oriente e de uma América.

Lopes Mendes trava intensos diálogos intertextuais seja na exposição das suas ideopaisagens seja nas suas etnopaisagens, entendendo estas como construções sociais que conservam propósitos e interesses dos grupos relativamente aos quais foram produzidas e são disseminadas, surgindo como imagens de conjuntos sociais que interagem multiespacialmente, plasmando quadros impressionantes. Ele autocita-se, como acontece quando expõe a sua etnopaisagem sobre a brâmane gentia: “Nota-se-lhes, sobretudo, um indefinível atractivo, um ar de simplicidade infantil, um donaire, que não exclue nem a vivacidade, nem a delicadeza. Esta nossa apreciação já tivemos ocasião de a consignar a respeito das gentias nos *Apontamentos sobre a província de Sataray*⁵⁶. Hoje a afirmamos mais uma vez, e a tornamos extensiva a todas as classes femininas da nossa índia, incluindo as senhoras descendentes de europeus, se lhes exceptuarmos a côr da pelle, que é branca e mimosã”⁵⁷.

56 “As mulheres gentias, principalmente as bramines, se lhes exceptuarmos a côr ligeiramente trigueira, não são menos bellas que as nossas, nem inferiores ás damas de qualquer nação civilisada, em delicadeza, e regularidade do trato social; e talvez não se encontrem em muita parte do globo tão bellos olhos, tão alvos e pequenos dentes, e cabellos tão pretos, tão lustrosos, tão finos e corredios. Nota-se-lhes sobre tudo um indefinível atractivo, um ar de simplicidade infantil, e um donaire, que não exclue nem a vivacidade, nem a delicadeza.” António Lopes Mendes, *Apontamentos sobre a Província de Sataray do Estado da Índia Portuguesa* (Nova Goa: Imprensa Nacional, 1864), 35.

57 António Lopes Mendes, *A Índia Portuguesa: breve descripção das possessões portuguezas na Ásia* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1886), 40.

A sua *Índia Portuguesa* corporiza-se como: “[...] recordações de alguns estudos, que então fizemos, relativos não só aos desenhos do natural, que adiante apresentamos, como a vários pontos da geographia, historia, geologia, meteorologia, agricultura, estatística, ethnographia, religião, usos, costumes e leis dos povos do Estado da Índia”⁵⁸. Esta é a matriz formuladora dos seus discursos, a qual se encontra igualmente no seu *O Oriente e a America: Apontamentos sobre os Usos e Costumes dos Povos da Índia Portuguesa Comparados com os do Brazil...*, repetindo-se, algo mimeticamente, estes mesmos tópicos. As temáticas que aí são tratadas vão desde a caracterização dos grupos étnicos e das diferentes comunidades económicas e sociais, passando pelas vivências religiosas ou pelo passado histórico, culminando na apreciação das realidades político-sociais contemporâneas do autor. Neste *O Oriente e a America...* exercita-se a constante comparação entre os espaços conhecidos por Lopes Mendes, partindo-se, como já foi referido, de um Oriente. O seu *comparatismo* institui-se como modelo reflexivo, aliando o discurso narrativo e a representação visual dos espaços: a digressão configura a memória. É certo que importa ter em atenção o facto de a sua *Índia Portuguesa*, a par de um discurso em defesa do império, se esboçar desde as paisagens naturais, urbanas ou rurais, às tradições e práticas⁵⁹: “[...] o panorama híbrido, onde progresso e declínio urbano coexistiam num palco socialmente complexo [...]”⁶⁰.

As ideo-paisagens de Lopes Mendes, a par das etno-paisagens, constituem dois instrumentos hermenêuticos essenciais para a leitura do orientalismo oitocentista em Portugal e, conseqüentemente, para a leitura das memórias descritivas deste autor, assim como da conceptualização e transmissão do seu discurso imperial/colonial. A sua singularidade decorre do facto de delas participar uma matriz palimpsés-

58 Mendes, *A Índia Portuguesa*, xiv.

59 Vera Domingues Gaspar Domingues assinala que dos 279 desenhos originais, cerca de 147 representam *gentes, usos e costumes* hindus e 100 são relativos a edificações de influência portuguesa. Cf. Vera Domingues Gaspar Domingues, “A *Índia Portuguesa* de Lopes Mendes e Souza & Paul: Intenções e Problemas da Imagem”, in *Goa passado e presente*, vol. 1, coord. Artur Teodoro de Matos e João Teles e Cunha, (Lisboa: CEPCEP/CHAM, 2012), 213.

60 *Ibidem*.

tica que está presente em todos estes textos, isto é, em todas estas memórias descritivas, sendo reconstruída ao longo dos anos, nos seus textos as suas *especulares* representações orientalistas. São preponderantemente as etno-paisagens que sucessivamente marcam os discursos da *Índia Portuguesa* e de *O Oriente e a America*. Se a *etnografia, religião, usos, costumes e leis dos povos do Estado da Índia* se formulam como objetos narrativos na primeira obra referenciada, na segunda o autor declara que, devido às restrições impostas pelo tempo, elabora: “[...] não um estudo social, nem a solução de um problema científico, mas apenas um ligeiro resumo das impressões recebidas durante as minhas viagens na Índia e na America do Sul, onde não pude mais que colligir, sem aperfeiçoar, as observações traçadas apressadamente nas paginas do meu Diario”⁶¹. Exemplo significativo desse rápido esboço é o modo como são discriminadas as castas na *Índia Portuguesa* e como tal enunciação é sumariamente apresentada em *O Oriente e a America*.

Enfim, António Lopes Mendes, como sujeito/autor de um discurso memorialístico coloca-se, ao usar a sua retrospeção, numa dupla posição: a *autobiográfica* e a *histórica*, e ainda que ambas não se confundam, pois a última é mais extensa e transmissível, assiste-se constantemente na sua escrita a uma recíproca implicação⁶². Nos seus escritos sobre *O Oriente e a America* exercita-se uma intercomunicabilidade entre fronteiras geográfico-políticas, procurando-se compreender os processos económicos, sociais, políticos e culturais... Vivencia-se um orientalismo cuja expressão identitária importa, por isso mesmo, continuar a analisar.

61 António Lopes Mendes, *O Oriente e a America: Apontamentos sobre os Usos e Costumes dos Povos da Índia Portuguesa Comparados com os do Brazil. Memória apresentada à X Sessão do Congresso Internacional dos Orientalistas*, 1.

62 Cf. Fernando Catroga, *Os Passos do Homem como Restolho do Tempo. Memória e Fim do Fim da História* (Coimbra: Almedina, 2009), 11.

BIBLIOGRAFIA CITADA⁶³:

Appadurai, Arjun. *Modernity at Large. Cultural Dimensions of Globalization*. Minnesota: University of Minnesota, 1996.

Alves, Jorge Fernandes, e Elsa Pacheco. “Viagens aos lugares de destino da emigração no Brasil, segundo a América Austral de António Lopes Mendes (1882-1883)”. In *Emigración y literatura: historias, experiencias, sentimientos*, organizado por Julio Borges et al., 47-81. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.

App, Urs. *The Birth of Orientalism*. Filadélfia: University of Pennsylvania, 2010.

Avelar, Ana Paula. “António Lopes Mendes”. In *A Participação Portuguesa nos Congressos Internacionais de Orientalistas (1873-1973) – Textos e Contextos*, editado por Marta Pacheco Pinto, 354-62. Lisboa: Húmus, 2019.

Avelar, Ana Paula. “Orientalismo em Portugal: Demandas e Sistematizações”. *Textos e Pretextos* 11 (Outono/Inverno 2011): 104-07.

Avelar, Ana Paula. “Tradition and modernity in the memory of an empire: The writing of A. Lopes Mendes”. In *Modernity, Frontiers and Revolutions*, editado por Maria do Rosário Monteiro e Mário S. Ming Kong, 387-92. Londres: Taylor & Francis Group, 2019.

Biedermann, Zoltán. “Querying the Origins of Orientalism: Recent Approaches to the History of Representations”, *Ler História* 74 (2019): 261-75.

Catroga, Fernando. *Os Passos do Homem como Restolho do Tempo. Memória e Fim do Fim da História*. Coimbra: Almedina, 2009.

Domingues, Vera Domingues Gaspar. “A Índia Portuguesa de Lopes Mendes e Souza & Paul: Intenções e Problemas da Imagem”. In *Goa passado e presente*, vol.1, coordenado por Artur Teodoro de Matos e João Teles e Cunha, 211-23. Lisboa: CEPCEP/CHAM, 2012.

Dubois, Claude-Gilbert. *Le bel aujourd’hui de la Renaissance. Que reste-t-il du XVIe siècle?*. Paris: Éditions du Seuil, 2001.

Dubois, Claude-Gilbert. *L’imaginaire de la Renaissance*. Paris: PUF, 1985.

França, Jean-Marcel Carvalho. “Os sentidos da colonização”. In *Questões que incomodam o historiador*, organizado por Susani Silveira Lemos França, 93-111. São Paulo: Alameda, 2013.

Freyre, Gilberto. *Casa-grande e senzala...* Pernambuco: Fundação Gilberto Freyre, 2003.

Freyre, Gilberto. *Brazil: an interpretation*. Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1945.

Hespanha, António Manuel. “O Orientalismo em Portugal (séculos XVI-XX)”. In *O Orientalismo em Portugal*, 15-45. Lisboa: Edições Inapa, 1999.

Howe, Stephen. *Empire: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

Kemnitz, Eva-Maria von. “Em Portugal – O Orientalismo em fragmentos”. *Revista de Estudios Internacionales Mediterráneos* 21 (2016): 13-25.

Kinoshita, Sharon. “Deprovincializing the Middle Ages”. In *The Worlding Project: Doing Cultural Studies in the Era of Globalization*, editado por Christopher Leigh Connery e Rob Wilson, 75-89. Berkeley, Ca: North Atlantic Books, 2007.

Leal, Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho. *Portugal Antigo e Moderno...*, vol. 11. Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1886.

63 A citada no corpo do texto.

Machado, Everton V. *O Orientalismo Português e as Jornadas de Tomás Ribeiro. Caracterização de um problema*. Lisboa: BNP/Centro de Estudos Comparatistas, 2018.

Mattos, Augusto Cesar da Silva. *Movimento Geographico em Portugal e Antonio Lopes Mendes apontamentos biographicos*. Lisboa: Lallement Frères, 1882.

Mendes, António Lopes. *Apontamentos sobre a Provincia de Satary do Estado da India Portuguesa*. Nova Goa: Imprensa Nacional, 1864.

Mendes, António Lopes. *A India Portuguesa: breve descrição das possessões portuguesas na Ásia, 2 vol.* Lisboa: Imprensa Nacional, 1886.

Mendes, António Lopes. *O Oriente e a America: Apontamentos sobre os usos e costumes dos povos da India Portuguesa comparados com os do Brazil*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1892.

Mendes, António Lopes e Silva Matos, Augusto. *O Bussaco*. Lisboa: Lallement Frères, Typ, 1874.

Pacheco, Elsa, et al. "Um story map da viagem de Lopes Mendes à Amazônia em 1882/83". *Revista de Educação Geográfica/UP* 3 (2018): 93-99.

Passos, Joana. *Literatura Goesa em Português nos Séculos XIX e XX. Perspetivas pós-coloniais e revisão crítica*. Vila Nova de Famalicão: Húmus/Universidade do Minho, 2012.

Perez, Rosa Maria. "O Orientalismo dos orientais. Trânsitos, consensos, contradições". In *ACT 27 – Goa Portuguesa e Pós-Colonial: Literatura, Cultura e Sociedade*, editado por Everton Machado e Duarte Braga, 39-59. Lisboa: Húmus, 2014.

Pick, Lucy. "Edward Said, Orientalism and the Middle Ages." *Medieval Encounters* 5 (1999): 265-71.

Ricoeur, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Éditions du Seuil, 2000.

Rosa, Maria Lurdes. *Fazer e Pensar a História Hoje. Guia de Estudo, Investigação e Docência*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2017.

Silva, Maria Cardeira da. "Southern insights on the Orient and Western Orientalisms". *Revista de Estudios Internationales Mediterráneos*. 21 (2016): 1-11.

Turazzi, Maria Inez. "Os estudos comparativos e os desenhos 'imparciais e singelos' de Antonio Lopes Mendes no Brasil (1882-1883)". *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* 9, nº 2 (2014): 361-82.

Vicente, Filipa Lowndes. "Orientalismos periféricos? O historiador goês José Gerson da Cunha (Bombaim, 1878)". *Ler História* 58 (2010): 27-46.

Vicente, Filipa Lowndes. *Outros Orientalismos – a Índia entre Florença e Bombaim 1860-1990*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2010.

Vicente, Filipa Lowndes. "In and out of history: how a Goan scholar in Bombay imagined a colonial Indian past and a future independent India (1870-1900)" *Changing Societies: Legacies and Challenges. Vol.1. Ambiguous Inclusions: Inside Out, Inside In*, editado por Sofia Aboim, Paulo Granjo e Alice Ramos, 263-300. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2018.

Xavier, Angela Barreto, e Ines Zupanov. *Catholic Orientalism. Portuguese Empire, Indian Knowledge: 16th-18th Centuries*. Nova Deli: Oxford University Press, 2014.

WEBGRAFIA:

Centro de Estudos Comparatistas (FL-CEComp): Centro de Estudos Comparatistas (FL-CEComp): <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/5401>

Orion-Portuguese Orientalism: <http://cec.letras.ulisboa.pt/en/research-groups/locus/orion-portuguese-orientalism/>

The Portuguese Representations of India: Power and Knowledge in a Peripheral Orientalism (19th and 20th centuries: <http://cec.lettras.ulisboa.pt/en/research-groups/funded-projects/the-portuguese-representations-of-india-power-and-knowledge-in-a-peripheral-orientalism-19th-and-20th-centuries/>

Referência para citação:

Avelar, Ana Paula Menino. “Do orientalismo de António Lopes Mendes nos escritos sobre *O Oriente e a America...*” *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 10 (2020): 113-135.